

UM NOVO PARADIGMA PARA O PSIQUISMO HUMANO

Oscar Cesarotto

Na história das idéias de Ocidente, uma nova **episteme** foi inaugurada, mais de cem anos atrás, por Sigmund Freud. Sua prática terapêutica deu lugar ao estabelecimento de uma teoria geral do desenvolvimento psíquico; decorrente dela, seu fundamento, o conceito de *inconsciente*, extrapolaria as fronteiras do discurso psicanalítico, para ser levado em conta em outras áreas do conhecimento.

No entanto, o século passado também foi pródigo em avanços científicos sobre o desempenho e as propriedades das funções superiores, isto é, da mente e suas finalidades. Agora, no terceiro milênio, cabe continuar a tarefa de completar e formalizar o que atualmente se sabe sobre o que passa pela cabeça.

De fato, não é pouco o que poderia ser acrescentado à iniciativa freudiana. A interpretação dos sonhos foi o marco de ruptura com as noções prévias sobre a psicologia dos processos oníricos, e também a pedra basal de uma perspectiva inédita de pensar o homem e sua capacidade simbólica.

Hoje, quando se postula que o inconsciente está organizado como uma linguagem, a tese concerne tanto à psicanálise quanto à semiótica. Válida em ambas alçadas, ainda resta bastante para ser elucidado, visando uma resultante paradigmática.

Nos tempos que correm, o acúmulo de informação acaba levando a uma certa confusão, tanto terminológica quanto disciplinar. Ora, em se tratando dos domínios da **psyché**, é freqüente que sua atividade seja avaliada apenas em relação ao comportamento cerebral, sua referência tangível. E os diferentes saberes que disto se ocupam -a psicologia, a psicanálise, a psiquiatria, a neurobiologia, as ciências cognitivas-, raramente conseguem esquivar o mal-entendido, posto que a incongruência entre seus respectivos supostos costuma ser a regra.

Apesar disto, tais discursos arrogam para si verdades exatas, porém insuficientes. Todos têm algo para dizer, mas nenhum é exclusivamente idôneo para dar conta das múltiplas questões em jogo. Os impasses são de praxe, o que torna as críticas sempre pertinentes.

Algumas delas:

A psicanálise, detentora de uma vasta teorização sobre a vida anímica, a *metapsicologia*, seria omissa e ignorante de tudo o que tem a ver com o cérebro, suas localizações e potencialidades recentemente descobertas e comprovadas nas pesquisas dos laboratórios.

As denominadas neurociências, por outro lado, capazes de progredir cada vez mais no mapeamento encefálico, nada querem nem podem saber sobre a subjetividade, o desejo, os ideais etc.

Enquanto isso, o cognitivismo pretende estabelecer uma ponte entre cérebro e mente baseado numa analogia com a cibernética. Trata-se de uma linha de raciocínio muito

interessante, embora deixe sem resolver a natureza da relação entre aquelas duas entidades, além de considerar a inteligência de forma abstrata demais, como se fosse imune aos afetos.

Por fim, no caso da semiótica, a teoria geral da ação sógnica ainda demanda uma concepção coerente e consistente da categoria de *sujeito*, que possa fazer jus às suas construções analíticas.

Como a estrutura do psiquismo é altamente barroca, convêm lançar mão de um arcabouço conceitual apto para coadunar os diferentes aspectos que participam nos atos decisivos e volitivos. Como a realidade dos seres que falam é composta de palavras, imagens e coisas, é necessária uma lógica heteróclita para entender sua interligação.

Neste particular, as articulações de Lacan sobre as três dimensões da experiência humana, o *simbólico*, o *imaginário* e o *real*, se tornam imprescindíveis. Os axiomas dos sistemas de saber antes mencionados podem ser confrontados a partir desta perspectiva.

Assim, começando pelo *real* e considerando o substrato concreto do pensamento, deparamos com o cérebro. Nos últimos anos, os progressos do conhecimento científico organicista têm sido trombeteados alvissareiramente pelos discursos competentes, e tantas contribuições não poderiam ser negligenciadas.

As ciências cognitivas, por sua vez, tentam estabelecer a correlação entre o miolo e o computador, homologando o primeiro ao **hardware**, embora na máquina viva, essencialmente somática, o manejo da informação que lhe é pertinente aponte numa outra direção.

Continuando o paralelismo, haveria uma programação que facilita e ordena o conjunto das operações intelectuais. Seria a mente, assimilada ao **software**, possibilitando o processamento dos estímulos segundo as regras da codificação. Esta instância inscrever-se-ia no registro do *simbólico*, com todos as suas nuances e polissemias.

Hard brain, soft mind: esta equiparação pode ser inconsistente sem uma reflexão sobre a prática dialógica da linguagem humana. Esta é constituída por uma combinatória significante cujos efeitos de significação, isto é, de mensagem, são sempre equívocos, por depender das leis da performance retórica, das metáforas e das metonímias.

Na biologia, pelo contrário, a linguagem é concebida como um eco físico do corpo, como um fenômeno orgânico. Nas mensagens dos hormônios, das enzimas, ou dos neurotransmissores, não há significância. Ultrapassado um limiar, é precipitado um sinal unívoco para o organismo, que responde segundo a lei de “tudo ou nada”. Mais ou menos, positivo ou negativo, ligado ou desligado: desta alternância operacional, típica das engenhocas eletrônicas, deriva o modelo escolhido para explicar o funcionamento da matéria cinzenta.

Tais mensagens, mesmo quando combinadas, nunca conseguiriam que o órgão modulasse suas respostas, ou agisse de maneira diversa do previsto pelo código genético. Aqui começam as dificuldades.

As junções do cérebro e da mente, do processador e do programa, não passam de reles dualismos. Sob uma terminologia modernizada, reaparecem aqui as velhas dicotomias entre corpo e alma, soma e psique, carne e espírito. Um outro escopo tem de ser cogitado, obedecendo a uma epistemologia que supere as insuficiências destas variantes do maniqueísmo.

Na vida cotidiana, o objeto técnico precisa, para funcionar, de um humanóide qualquer que aperte as teclas. Mais uma variável, perfazendo um *trio elétrico*: computador-

programa-operador. Um mínimo de três termos associados, sendo o terceiro identificável à condição demasiado humana que define a nossa espécie, integrada por seres falíveis.

O computador pode ser da última geração, e os programas, os mais sofisticados, mas quando o usuário, de maneira inadvertida ou proposital, age de modo errado, algo inesperado acontece, para nada certo.

No terceiro pólo, correspondendo ao *imaginário*, encontra-se o ego e o narcisismo, junto com as crenças, tanto as pessoais quanto as coletivas. Neste âmbito, o que está em pauta é o *sentido*, e é justamente aqui onde os enganos, as miragens e os preconceitos são possíveis.

Completa-se a trindade: **hardware-software-beware**. E, com o *ser*, todo cuidado é pouco.

Correlacionando com os parâmetros lacanianos: *real-simbólico-imaginário*. O cérebro, a mente e o sentido, com seus âmbitos específicos, correlações e curto-circuitos, fazem parte da nossa materialidade.

Os falantes somos entes bastante complicados, racionalmente incompletos, sexuais e perecíveis.

Berrar é humano.

Resumindo até aqui: na exigência cientificista de equacionar os diferentes pontos de vista, pretende-se ir além da óbvia incompatibilidade entre a serotonina, a cognição, e as formações e representações da *outra cena*.

A linguagem constitui o eixo de uma proposta de síntese. Seu embasamento são as características do signo lingüístico, sem excluir o inconsciente.

Então:

- o significante (“que representa um sujeito para outro significante”), no *simbólico*;
- o significado (que só faz sentido quando “compreendido” conscientemente), no *imaginário*;
- o referente (que seria impossível, porque “profundamente perdido”), no *real*.

Outras trilógicas conceituais podem ser instrumentadas, como as categorias de *primeridade*, *secundidade* e *terceridade*, assim como as funções de **mathesis**, **mimesis** e **semiosis**.

A estrutura da realidade humana é tridimensional. Da articulação entre a matéria, a forma, e a significação decorre a subjetividade, ainda que a amarração dos registros seja única e peculiar para cada um.

O aparelho psíquico, postulado por Freud faz tanto tempo, precisa de um **aggiornamento**. As variações da existência impõem a precisão de um pensamento trans-disciplinar que não ignore as complexidades da sobre-determinação do sujeito, seja em termos de adequação ou de sintoma.

O desafio mor continua o mesmo: evitar qualquer pendor metafísico, escutar o inconsciente, e não cair na fisiologia.

SEMIÓTICA PSICANALÍTICA SINTÉTICA

Registro	Domínio	Matriz	Sítio	Razão	Ser
<i>Simbólico</i>	inconsciente	palavra	mente	saber	falante
<i>Imaginário</i>	narcisismo	imagem	sentido	crença	sexuado
<i>Real</i>	gozo	coisa	cérebro	conhecimento	mortal

A topologia se ocupa da articulação dos *registros*;
a psicanálise, dos *domínios*;
a semiótica, das *matrizes*;
a neurociência, dos *sítios*;
a epistemologia, das *razões*;
a filosofia, das *questões ontológicas*.

Um paradigma que unifique sem simplificar deveria levar em consideração todas estas incidências, sempre presentes quando se trata do psiquismo da nossa espécie. Se não, nada feito.